

Um verão italiano



REBECCA SERLE

AUTORA DE
DAQUI A CINCO ANOS

REBECCA SERLE

*Um
verão
italiano*

TRADUÇÃO
Lígia Azevedo

PA
PA
IB
IB

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*Para minha mãe, a rainha do meu coração.
Que ela tenha um longo reinado.*

Só sinto que preciso de mais tempo. [...] Me sinto contra a parede, sabe? Digo, achei que tivesse muito mais... tempo. Achei que tivesse todo o verão para dividir o que sei sobre o trabalho, a vida, o seu futuro, e estou com a sensação de que tinha alguma coisa pra te dizer. Ah! Pega um lugar bom no ônibus, porque as pessoas são cheias de hábitos, e o lugar que você escolhe no começo pode ser o mesmo pelo resto do ano, tá? Pega um lugar na janela, meu amor, porque há muito pra ver.

Lorelai Gilmore

Um

Nunca fumei, mas é o último dia do shivá da minha mãe, portanto aqui estou. Com um cigarro entre os dentes, no pátio dos fundos, olhando para o que apenas dois meses atrás era um sofá modular branco e imaculado, agora desgastado pelo clima. Minha mãe mantinha tudo limpo. E guardava tudo.

Estas eram as regras de Carol:

- Nunca se livre de um bom jeans;
- Sempre tenha limões frescos à mão;
- O pão dura uma semana na geladeira e dois meses no congelador;
- OxiClean remove qualquer mancha;
- Cuidado com a cândida;
- No verão, linho é melhor que algodão;
- Plante temperos, e não flores;
- Não tenha medo de tinta: uma cor ousada pode transformar um cômodo;
- Sempre chegue no horário em um restaurante e com cinco minutos de atraso na casa de alguém;
- Nunca fume.

Em minha defesa, o cigarro não está aceso.

Carol Almea Silver era um pilar de sua comunidade, amada por todos que conhecia. Na última semana, abrimos nossas portas a vendedores de loja, manicures, as mulheres do templo, garçons do Craig's, enfermeiros do Cedars-Sinai. Dois caixas da agência do banco City National em Roxbury. “Ela levava bolo pra gente”, eles disseram. “Tinha sempre um número de telefone à mão.” Casais do clube de campo Brentwood. Irene Newton, que almoçava com minha mãe no Il Pastaio toda quinta-feira. E até o cara que atendia no bar do hotel Bel-Air, onde Carol costumava tomar um martíni bem gelado. Todo mundo tem uma história.

Minha mãe era a primeira pessoa para quem você ligava para saber uma receita (cebola picadinha, alho e uma pitada de açúcar, não esquece) e a última para quem ligava numa noite em que não conseguia dormir (uma xícara de água quente com limão, óleo essencial de lavanda e cápsulas de magnésio). Ela sabia a proporção exata de azeite e alho para qualquer receita e preparava o jantar facilmente com apenas três itens da despensa. Carol tinha todas as respostas. Já eu não tenho nenhuma, e agora não tenho mais minha mãe.

“Oi.” A voz de Eric me chega de dentro de casa. “Cadê todo mundo?”

Eric é meu marido e o último a chegar hoje. Não deveria ser. Deveria ter ficado o tempo todo com a gente, nas cadeiras baixas e duras, entre travessas de macarrão, telefones tocando, beijos infinitos e cheios de batom de vizinhas e mulheres que se autointitulam “tias”. Em vez disso, acabou de chegar à porta do que agora é a casa do meu pai, e espera para ser recebido.

Fecho os olhos. Se eu não o vir, talvez ele pare de me procurar. Talvez eu me mescle a esse dia impressionante de maio, com um sol tão chamativo quanto uma mulher falando alto no celular durante o almoço. Quem te convidou?

Enfio o cigarro no bolso do jeans.

Ainda sou incapaz de conceber um mundo sem minha mãe. Como seria isso? Quem sou eu na ausência dela? Não consigo aceitar que ela não vai me pegar para o almoço às terças, estacionar em local proibido diante da minha casa e entrar correndo com uma sacola cheia de coisas — mantimentos, produtos para a pele, uma blusa que comprou no outlet da Saks. Não consigo entender que, se ligar para o número dela, vai ficar tocando, que ninguém mais vai atender com um “Só um segundo, Kat. Minhas mãos estão molhadas”. Não consigo me imaginar aceitando a perda de seu corpo quentinho e acolhedor. O lugar onde sempre me senti em casa. Minha mãe é o grande amor da minha vida, entende? Ela é o grande amor da minha vida, e eu a perdi.

“Entre, Eric. Por que está parado aí?”

Ouçõ a voz do meu pai dentro de casa, recebendo Eric. Eric, meu marido, que mora na nossa casa, a doze minutos e meio daqui, em Culver City. Eric, que tirou uma licença do trabalho como alto executivo da divisão de cinema da Disney para ficar comigo neste momento difícil. Eric, que comecei a namorar há oito anos, com vinte e dois. Eric, que tira o lixo, sabe cozinhar macarrão e nunca deixa o assento da privada levantado. Eric, cuja série preferida era *Modern Family* e que chorou em todos os episódios de *Parenthood*. Eric, a quem eu disse ontem à noite na nossa cozinha — a cozinha

que minha mãe ajudou a projetar — que não sabia mais se podia continuar casada com ele.

Se sua mãe é o amor da sua vida, o que o seu marido é pra você?

“Oi”, Eric diz quando me vê. Ele sai para o pátio e aperta os olhos. Meio que acena. Eu me viro. Tem um patê de queijo ressecando lentamente na mesa de vidro. Estou usando jeans escuro e uma blusa de lã, apesar de estar quente aqui fora, porque lá dentro está congelante. Minha mãe gostava de manter a casa fria. Meu pai só sabe mantê-la assim.

“Oi”, digo.

Eric segura a porta aberta para mim, e eu passo por ele para entrar.

Apesar da temperatura, a casa continua tão acolhedora quanto sempre. Minha mãe era uma designer de interiores muito respeitada por sua estética aconchegante. Nossa casa era a vitrine dela. Móveis grandes, estampas florais, texturas ricas. Uma mistura de Ralph Lauren com Laura Ashley com um belo par de mocassins da Tod's e uma camisa branca bem passadinha. Minha mãe adorava texturas — madeira, linho, a sensação de uma boa costura.

Sempre havia comida na geladeira, vinho no armário, flores frescas na mesa.

Faz três anos que Eric e eu tentamos começar uma hortinha de temperos.

Sorriso para meu marido. Tento posicionar minha boca de um jeito que eu deveria recordar, mas que me parece simplesmente impossível agora. Não sei mais quem sou. Não tenho ideia de como fazer o que quer que seja sem ela.

“Você está de luto, Katy”, Eric me disse ontem à noite. “Está em crise. Não pode decidir isso agora. Ninguém se divorcia no meio de uma guerra. Vamos esperar um pouco.”

O que ele não sabia era que eu já tinha esperado um pouco. Já tinha esperado meses. Desde que minha mãe ficou doente, comecei a pensar sobre a realidade de estar casada com Eric. Minha decisão de deixá-lo tinha menos a ver com a morte da minha mãe do que com a lembrança da morte de modo geral. Com isso, quero dizer que comecei a me perguntar se queria morrer nesse casamento, se queria passar por isso, a doença da minha mãe e o que restaria depois, nesse casamento.

Ainda não tínhamos filhos. Afinal, ainda éramos jovens, não?

Eric e eu nos conhecemos quando ambos tínhamos vinte e dois anos e estávamos no último ano na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Ele era um progressista da Costa Leste, que pretendia trabalhar com política ou jornalismo. Eu era de Los Angeles e tinha uma ligação profunda com meus pais e as palmeiras. Uma viagem de duas horas me parecia o mais longe que eu podia ficar de casa.

Fizemos uma aula juntos: introdução ao cinema, pré-requisito para outras matérias em que ambos acabamos nos matriculando com atraso. Ele sentou ao meu lado no primeiro dia do último semestre. Era um garoto alto e meio desajeitado. Sorriu e começamos a conversar. Ao fim da aula, ele enfiou a caneta num cacho de cabelo meu. Meu cabelo era comprido e enrolado. Eu ainda não o tinha domado com o alisamento.

Quando Eric puxou a caneta de volta, o cacho foi junto.

“Parece uma molinha”, ele disse, vermelho. Não tinha feito aquilo porque era confiante, e sim porque não sabia o que mais podia fazer. O desconforto naquilo tudo, o jeito meio ridículo dele, um completo desconhecido que enfia uma caneta no meu cabelo, me fez rir.

Ele me chamou para tomar um café. Fomos até o refeitório e passamos duas horas juntos ali. Ele me contou sobre sua família, em Boston, a irmã mais nova, a mãe que era professora na Universidade Tufts. Gostei do jeito como ele via as duas, as mulheres da família. Gostei do jeito como ele falou das duas: como se fossem importantes.

Eric só me beijou uma semana depois, mas, quando começamos a namorar, pronto. Nunca terminamos, nunca tivemos uma briga mais séria, nunca precisamos namorar à distância. Não riscamos nenhum item da lista dos relacionamentos da juventude. Depois da formatura, ele conseguiu um emprego no *Chronicle*, em Nova York, e fui com ele. Nos mudamos para um apartamento com um único quarto em Greenpoint, no Brooklyn. Trabalhei como redatora freelancer para quem me contratasse, na maioria blogs de moda de pessoas que ficavam agradecidas pela ajuda com o texto. Isso em 2015, quando a cidade tinha se reerguido da ruína financeira e o Instagram tinha acabado de se tornar onipresente.

Passamos dois anos em Nova York antes de voltar para Los Angeles. Escolhemos um apartamento em Brentwood, na mesma rua que a casa dos meus pais. Nos casamos e compramos nossa primeira casa, um pouco mais longe, em Culver City. Construimos uma vida que talvez fôssemos jovens demais para levar.

“Eu já tinha trinta quando conheci seu pai”, minha mãe me disse quando voltamos para Los Angeles. “Você tem tanto tempo. Às vezes eu queria que você aproveitasse isso.” Mas eu amava Eric — todos nós amávamos. E sempre tinha ficado mais confortável na presença de adultos que na de jovens. Me sentia uma adulta desde os dez anos e queria tudo que sinalizasse aos outros que era mesmo uma. Parecia certo, começar cedo. E eu não podia fazer nada quanto aos acontecimentos que iam se desenrolando. Ou pelo menos não podia fazer nada até ontem à noite, quando de repente fiz.

“Peguei a correspondência”, Eric diz. Minha mãe está morta. O que qualquer papel teria a dizer que poderia valer a leitura?

“Está com fome?”

Preciso de um momento para perceber que é com Eric que meu pai está falando, e mais um segundo para entender que a resposta é sim, porque meu marido está fazendo que sim com a cabeça, e mais outro para me dar conta de que nenhum de nós sabe cozinhar. Era minha mãe quem cozinhava para meu pai — para todos nós, na verdade —, e ela era ótima. Fazia cafés da manhã muito elaborados, com omeletes de queijo de cabra, bagel, salada de frutas e cappuccino. Quando meu pai se aposentou, cinco anos atrás, eles começaram a comer na parte externa da casa e a passar horas na varanda. Minha mãe amava ler o *New York Times* aos domingos e tomar um café gelado à tarde. Meu pai adorava tudo que ela fazia.

Chuck, meu pai, idolatrava Carol. Achava que ela era o centro do universo. Mas o grande segredo, embora ele provavelmente soubesse, era que o grande amor da vida da minha mãe era eu.

Carol amava meu pai, isso é certo. Acho que ela não o teria trocado por nenhum outro homem no mundo. Mas nosso relacionamento estava em primeiro lugar. Eu era a outra metade dela, assim como ela era a minha.

Acredito que o amor que minha mãe compartilhava comigo era mais verdadeiro e puro do que aquele que compartilhava com meu pai. Se alguém lhe perguntasse: *A quem você pertence?*, a resposta seria: *Katy*.

“Você é tudo para mim”, minha mãe me dizia. “*É o meu mundo.*”

“Tem sobras na geladeira”, eu me ouço dizendo agora.

Penso em dividir o que restou de alface, esquentar o frango e fritar o arroz como sei que meu pai gosta.

Mas ele já saiu em busca de uma salada do La Scala que sem dúvida murchou no pote. Não consigo recordar quem trouxe, ou quando, mas sei que está na geladeira.

Eric continua à porta.

“Achei que a gente podia conversar”, ele me diz.

Eu o deixei em casa ontem à noite e vim para cá. Entrei com minha própria chave, como já havia feito milhares de vezes. Subi a escada na ponta dos pés. Era quase meia-noite, e enfiei a cabeça pela porta do quarto dos meus pais, esperando encontrar Chuck em sono profundo, mas ele não estava ali. Então descii para a sala. Meu pai estava dormindo no sofá, com uma foto emoldurada de seu casamento no chão.

Eu o cobri. Ele nem se mexeu. Depois voltei a subir e dormi na cama dos meus pais, do lado que era da minha mãe.

Quando descii de manhã, encontrei meu pai fazendo café. Não mencionei o sofá, e ele não me perguntou por que eu estava aqui ou

onde tinha dormido. Estamos perdendo as peculiaridades um do outro, as coisas que precisamos fazer para sobreviver.

“Katy”, Eric diz quando não respondo. “Você precisa falar comigo.”

Mas não confio em mim mesma. Tudo parece tão tênue que tenho medo de que mesmo que só queira dizer o nome da minha mãe vai acabar saindo um grito.

“Quer comer?”, pergunto.

“Você vai voltar pra casa?” Há certa aspereza em sua voz, e eu percebo, não pela primeira vez nos últimos meses, de como não estamos acostumados ao desconforto. Não sabemos como levar uma vida imperfeita. Não foi isso o prometido por nossa família, nossa educação, nosso casamento. Mas as promessas foram feitas em um mundo cheio de luz, e não sabemos como mantê-las nas trevas.

“Se falar comigo, posso ajudar”, Eric diz. “Mas você tem que se abrir.”

“Eu tenho”, repito.

“Isso”, Eric diz.

“Por quê?” Sei que soa petulante, mas me sinto como uma criança.

“Porque sou seu marido”, ele diz. “Sou eu. É pra isso que estou aqui. Essa é a ideia. Posso ajudar.”

De repente, sou tomada por uma raiva familiar e palavras que pulsam em negrito: *Infelizmente, você não pode.*

Por trinta anos, estive ligada à melhor pessoa do mundo, à melhor mãe, à melhor amiga, à melhor esposa — *a melhor*. Eu tinha a melhor, e agora ela se foi. O fio que nos ligava foi cortado, e sou

derrubada pela noção de quão pouco me resta, de como todo o resto é secundário.

Assinto, porque não consigo pensar em outra coisa para fazer. Eric me passa uma pilha de envelopes.

“Você devia dar uma olhada no de cima”, ele diz.

Baixo os olhos. Está escrito UNITED AIRLINES. Sinto meus dedos se contraírem.

“Obrigada.”

“Quer que eu saia?”, Eric pergunta. “Posso ir comprar uns sanduíches, ou...”

Olho para ele, de camisa e bermuda cáqui, inquieto. O cabelo castanho está comprido demais atrás, assim como as costeletas. Eric precisa de um corte. Está de óculos. *Um bonitão desajeitado*, minha mãe disse quando o conheceu.

“Não”, eu digo. “Não tem problema.”

Eric chama meus pais pelo nome. Tira os sapatos na porta e apoia os pés, de meia, na mesa de centro da sala. Abre a geladeira para ver o que tem e repõe o sabonete líquido quando acaba. Esta casa é dele também.

“Vou me deitar”, digo.

Quando me viro para sair, Eric pega minha mão livre. Sinto as pontas frias de seus dedos em minha palma. Parecem estar formando “por favor” em código Morse.

“Depois”, eu digo. “Pode ser?”

Ele me solta.

Subo a escada. Atravesso o corredor com painéis de madeira na parede e passo pelo quarto que costumava ser meu e que eu e minha mãe redecoramos no meu segundo ano na faculdade e outra

vez quando eu estava com vinte e sete anos. Tem papel de parede listrado, roupa de cama branca e um guarda-roupa cheio de vestidos de verão e moletoms. Meus produtos para a pele estão reunidos no armarinho do banheiro, todos vencidos.

“Você tem tudo de que precisa”, minha mãe costumava dizer. Ela adorava que eu pudesse dormir aqui se ficasse tarde, mesmo sem ter trazido minha escova de dente.

Paro à porta do quarto dela.

Quanto tempo demora para o cheiro de alguém ir embora? Quando ela estava aqui, no fim, quando os enfermeiros iam e vinham como aparições, o quarto cheirava a doença, a hospital, a plástico, sopa de legumes e leite azedo. Mas, agora, todo traço de doença se foi e o cheiro dela voltou, como as flores na primavera. Impregna as cobertas, o carpete, as cortinas. Quando abro as portas do guarda-roupa, é quase como se minha mãe estivesse agachada lá dentro.

Acendo a luz e me sento entre os vestidos e blazers, os jeans passados, dobrados e pendurados. Eu a inalo. Então dirijo minha atenção aos envelopes na minha mão. Deixo que caiam no chão até que reste apenas o de cima. Deslizo o dedinho por baixo da aba e o abro. Ele cede fácil.

Dentro, como eu previa, tem duas passagens de avião. Carol Almea Silver não era do tipo que entregava o celular para o funcionário no portão de embarque passar pelo leitor digital. Era do tipo que exigia uma passagem de verdade para uma viagem de verdade.

Positano, 5 de junho. Daqui a seis dias. A viagem só para mãe e filha de que falamos por anos materializada ali.

A Itália sempre foi especial para minha mãe. Ela visitou a Costa Amalfitana no verão antes de conhecer meu pai e adorava descrever Positano, uma cidadezinha à beira-mar, como “o paraíso”. Um lugar divino. Minha mãe adorava as roupas, a comida, a claridade. “E o sorvete lá é uma refeição por si só”, dizia.

Eric e eu pensamos em ir para lá em nossa lua de mel — pegar o trem em Roma e seguir para Capri —, mas éramos jovens e estávamos economizando para comprar uma casa, então parecia extravagante. Acabamos encontrando um voo baratinho para o Havaí e passando três noites no hotel Grand Wailea, em Maui.

Olho para as passagens.

Minha mãe sempre falou em voltar a Positano. Primeiro com meu pai, mas depois, conforme o tempo passava, ela começou a sugerir que fôssemos só nós duas. Estava determinada: queria me mostrar o lugar que não saía de sua memória. A meca especial que tinha visitado imediatamente antes de se tornar mulher, esposa e mãe.

“É o lugar mais espetacular do mundo”, ela me disse uma vez. “Quando eu estava lá, dormia até o meio-dia, depois levava o barco para a água. Tinha um restaurantezinho ótimo, chamado Chez Black, na marina. A gente comia espaguete ao vôngole na areia. Me lembro como se fosse ontem.”

Então decidimos ir. Primeiro era uma fantasia, depois um plano flexível para o futuro e, quando ela ficou doente, se tornou a luz no fim do túnel. “Quando eu estiver melhor” virou “quando formos para Positano”.

Reservamos as passagens. Ela comprou malhas leves em tons de creme e branco. Chapéus com abas largas. Planejamos e fingimos até o fim. Até uma semana antes de minha mãe morrer,

ainda falávamos sobre o sol da Itália. E, agora que a viagem chegou, ela não está aqui.

Apoio as costas na lateral do guarda-roupa. Um casaco roça no meu ombro. Penso no meu marido e no meu pai lá embaixo. Minha mãe sempre se saiu melhor com os dois. Ela incentivou Eric a aceitar o emprego na Disney, a pedir um aumento, a comprar o carro que queria, a investir em um bom terno. “O dinheiro vai vir”, minha mãe sempre dizia. “Você nunca vai se arrepender da experiência.”

Minha mãe apoiou meu pai quando ele abriu sua primeira loja de roupas. Ela acreditou que ele era capaz de ter sua própria marca, e acreditou que podiam produzir as peças juntos. Ela era o controle de qualidade. Sabia dizer se um carretel de linha era bom ou não só de olhar, e garantia que cada peça da loja estivesse à altura de seus padrões. Também trabalhava como recepcionista, atendendo o telefone e anotando os pedidos. Ela contratava e treinava todo mundo que trabalhava com eles, ensinando a fazer costura invisível e a diferenciar um tecido plissado de um franzido. Minha mãe planejava festas de aniversário e batizados dos empregados e seus filhos. E assava um bolo às sextas-feiras.

Carol era ponta firme.

Agora aqui estou eu, escondida no guarda-roupa em sua ausência. Por que não herdei sua eficiência? A única pessoa que saberia como lidar com a morte se foi.

Sinto o papel amassando sob meus dedos. Estou agarrando o envelope.

Não posso. De jeito nenhum. Tenho um emprego. Um pai de luto. E um marido.

Ouço as panelas batendo lá embaixo. O barulho alto da falta de familiaridade com utensílios domésticos, armários e a coreografia da cozinha.

Nos falta nossa referência.

O que eu sei é: ela não está nesta casa, onde morreu. Não está lá embaixo, na cozinha que amava. Não está na sala, dobrando as cobertas e pendurando a foto de seu casamento. Não está no jardim, de luvas, podando o tomateiro. Não está no armário que ainda tem seu cheiro.

Ela não está aqui, de modo que eu tampouco posso estar.

Voo 363.

Quero ver o que ela viu, o que ela amou antes de me amar. Quero ver para onde ela sempre quis voltar, esse lugar mágico que aparecia com tanta força em suas lembranças.

Recolho os joelhos junto ao peito. Baixo a cabeça na direção deles. Sinto alguma coisa no bolso de trás da calça. O cigarro, agora quente e amassado, se desintegra em minhas mãos quando o pego.

Por favor, por favor, digo, esperando que ela, que este guarda-roupa cheio de suas roupas, me diga o que devo fazer.

Dois

“Tem certeza de que não quer que eu te leve?”, Eric pergunta.

Estou no corredor da entrada de casa, uma casa para onde nem sei se voltarei um dia, com as malas prontas na porta, como uma criança ávida.

Eric está usando uma polo salmão e calça jeans. Seu cabelo continua comprido. Eu não disse nada a respeito, nem ele. Me pergunto se percebeu, se sabe que precisa de um corte. Sempre marquei esse tipo de coisa para ele. De repente, sua incapacidade de cortar o cabelo me parece hostil, como um ataque não intencional.

“Não, o Uber já está vindo.” Mostro o celular para ele. “Viu? Chega em três minutos.”

Eric sorri, mas é um sorriso contido e triste. “Tá.”

Quando eu disse que queria ir para a Itália e fazer sozinha a viagem que faria com minha mãe, Eric me disse que era uma ótima ideia. Ele acha que preciso de um descanso depois de todo o tempo que passei cuidando dela. Meses atrás, tirei uma licença do meu trabalho como redatora em uma agência de publicidade em Santa Monica. Saí quando ela passou a ser tratada em casa, sem saber se

ia voltar. Não que alguém tenha me perguntado a respeito. Na verdade, não sei nem se o trabalho ainda está esperando por mim.

“Vai ser bom pra você”, Eric disse quando contei. “Vai voltar se sentindo muito melhor.”

Estávamos sentados à bancada da cozinha, com uma caixa de pizza entre nós. Eu nem tinha me dado ao trabalho de pegar pratos e talheres: havia uma pilha de guardanapos bem ali. Não nos importávamos mais.

“Não vou tirar férias”, eu disse, ressentida com a ideia de que bastariam algumas semanas ensolaradas na costa italiana para que eu tivesse uma perspectiva diferente da vida.

“Eu não disse que ia.”

Tanto sua frustração como seu impulso de controlá-la eram visíveis. Senti um lampejo de compaixão por ele.

“Eu sei.”

“Ainda não conversamos sobre nós.”

“Eu sei”, repeti.

Eu tinha voltado para casa alguns dias antes. Dormimos na mesma cama, fizemos café de manhã, botamos a roupa para lavar e guardamos a louça. Eric voltou a trabalhar e fiz uma lista de todas as pessoas com quem precisava entrar em contato — cartões de agradecimento precisavam ser escritos, ligações respondidas, e eu precisava falar com a lavanderia que meu pai usava.

Lembrava vagamente de nossa antiga rotina. Mas passávamos um pelo outro como desconhecidos em um restaurante, parando apenas para reconhecer a presença alheia quando acontecia de nos esbarrarmos.

“Você voltou pra casa. Isso significa que vai ficar?”

Antes de alguma prova importante na faculdade, Eric comprava um sanduíche num lugar chamado Three Pickles com queijo suíço, rúcula e geleia de framboesa. Era delicioso. Ele me levou ao lugar em um de nossos primeiros encontros e insistiu em pedir para mim. Levamos os sanduíches para a rua, encontramos um lugar na calçada e os desembrulhamos. O meu tinha cara de cera colorida e derretida, mas o gosto penetrante do queijo com as folhas picantes e o azedinho da geleia era divino.

“Pode confiar em mim”, Eric tinha dito antes que eu experimentasse.

E eu sabia que era verdade.

Confiei nele quando nos mudamos para Nova York e quando compramos nossa primeira casa. Confiei nele até mesmo durante o tratamento da minha mãe. Fizemos planos todos juntos, sobre onde ela seria mais bem cuidada, sobre os remédios, sobre o que tentaríamos.

Mas agora... Como posso confiar em quem quer que seja? Todos a traímos.

“Não tenho certeza”, eu disse. “Não sei de verdade se consigo continuar casada com você.”

Eric exalou como se eu tivesse lhe dado um soco no estômago. Porque eu tinha mesmo. Fui cruel e dura, e não deveria ter dito aquilo. Mas era uma pergunta impossível de responder. Uma pergunta sobre um futuro que eu era incapaz de vislumbrar.

“Isso foi pesado”, ele disse, então pegou um pedaço de pizza com um guardanapo. Parecia uma coisa ridícula a fazer naquele momento. Comer. *Começar* a comer.

“Eu sei. Desculpa.”

Isso o fez mudar de tática. “Podemos superar isso juntos”, Eric disse. “Sei que sim. Passamos por tanta coisa juntos, Katy.”

Peguei um pedaço de pizza também. Parecia um objeto estranho. Eu não sabia se queria comê-lo ou plantá-lo lá fora.

O problema, claro, é que a gente não passou por tanta coisa juntos, porque não passou por nada. Até agora. Nossa vida se desenrolou com toda a facilidade, como uma estrada aberta, sem bifurcações ou solavancos, só uma longa reta até o sol. De diferentes maneiras, somos as mesmas pessoas de quando nos conhecemos, aos vinte e dois anos. Onde vivemos pode ter mudado, mas não *como* vivemos. O que aprendemos nos últimos oito anos? Que habilidades desenvolvemos que possam nos ajudar a passar por isso?

“Isso é muito maior”, eu disse.

“Só estou pedindo pra participar.” Eric voltou seus olhos castanhos e grandes para mim.

Antes de ficarmos noivos, ele pediu permissão aos meus pais. Eu não estava presente, claro, mas Eric me disse que foi à casa deles uma noite depois do trabalho. Meus pais estavam na cozinha, fazendo o jantar. Não havia nada de incomum naquilo: Eric e eu sempre passávamos nos meus pais, juntos ou separados. Naquela noite em particular, ele perguntou se podiam conversar na sala.

Tínhamos acabado de nos mudar para a casa em Culver City. Eu estava com vinte e cinco anos, e fazia três anos que namorávamos, dois deles morando em Nova York, longe dos meus pais. Agora estávamos em casa, prontos para construir uma vida juntos, ao lado deles.

“Amo a filha de vocês”, Eric disse assim que todos se acomodaram. “Acho que posso fazer Katy feliz. E amo vocês dois também. Amo ser parte dessa família. Quero pedir Katy em casamento.”

Meu pai ficou radiante. Amava Eric, que se encaixava em nossa família de uma maneira que ainda permitia que ele continuasse sendo o chefe. Nenhum dos dois achava que aquela estrutura precisava mudar.

Mas minha mãe ficou em silêncio.

“O que você acha, Carol?”, meu pai perguntou.

Ela olhou para Eric. “Vocês estão prontos pra isso?”

Minha mãe podia ser bondosa e receptiva, mas tinha uma franqueza que fazia com que a respeitassem e temessem um pouco. Sempre falava o que pensava.

“Tenho certeza de que amo Katy”, Eric disse.

“O amor é uma coisa linda”, minha mãe disse a ele. “E sei que você ama Katy de verdade. Mas vocês ainda são tão jovens. Não querem viver um pouco mais antes de se acomodar? Vocês têm tanta coisa a fazer e tanto tempo pra casar.”

“Quero viver minha vida com ela”, Eric disse. “Sei que ainda temos muito pela frente, e quero passar por tudo isso com ela.”

Minha mãe sorriu. “Bom, então acho que tenho que te dar os parabéns”, ela disse.

Enquanto eu olhava para Eric do outro lado da mesa, com a pizza entre nós, fiquei pensando que talvez minha mãe estivesse certa em sua hesitação inicial. A gente deveria ter vivido mais. Não sabíamos exatamente o que estávamos prometendo. *Na alegria e na tristeza.*

Porque agora aqui estamos nós, passando por tudo o que a vida tem a oferecer, e acabou conosco. Acabou comigo.

“Vou pra Itália”, eu disse a ele. “Vou fazer a viagem. E acho que enquanto estiver fora a gente devia se dar espaço.”

“Bom, você vai estar na Itália”, Eric disse. “Parece inevitável.” Ele arriscou um sorriso.

“Não. Preciso de um tempo”, eu disse.

Eu soube na mesma hora que estávamos ambos pensando naquele capítulo de *Friends*, na ideia ridícula e impossível de que um tempo era de alguma maneira uma suspensão, e não um carro deixando a cidade à toda. Quase dei risada. Do que mais eu precisava para pegá-lo pela mão, ligar a TV e ficarmos juntinhos no sofá? Para fingir que o que estava acontecendo não estava?

“Você está pensando em uma separação?”

De repente, senti frio. Me senti congelar. “Talvez”, eu disse. “Não sei como chamar isso, Eric.”

Ele foi estoico. Eu nunca o tinha visto com aquela expressão no rosto. “Se é isso que você quer.”

“Não sei o que eu quero no momento, só que não quero ficar aqui. É claro que você é livre pra fazer suas próprias escolhas.”

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer o que você quiser. Quer dizer que não posso ser responsável por você no momento.”

“Você não é responsável por mim. Você é casada comigo.”

Eu o encarei, e ele me encarou de volta. Então levantei, liguei a lava-louça e subi. Eric foi para a cama uma hora depois. Eu não tinha pegado no sono, mas as luzes estavam apagadas e eu fingi que dormia, mantendo a respiração no ritmo de um leve ronco.

Quando ele deitou, senti seu corpo próximo ao meu. Eric não encostou em mim, e não achei que fosse fazê-lo mesmo. Senti o peso do espaço entre nós, toda a vastidão e tensão daqueles vinte centímetros.

E agora o Uber está aqui.

Um número desconhecido me liga. É o motorista. Eu atendo.

“Já estou saindo”, digo ao telefone.

Eric inspira fundo e solta o ar.

“Te ligo do aeroporto”, digo.

“Eu te ajudo.”

O motorista não sai do carro. Eric carrega minha bagagem e a deposita no porta-malas aberto.

Estou levando um monte de vestidos, sapatos e chapéus que minha mãe e eu escolhemos juntas. Sempre que eu ia fazer as malas, mesmo que só fosse passar um fim de semana fora, ela vinha ajudar. Sabia encaixar dez trocas de roupa em uma mala de mão — “O truque é enrolar, Katy” — e como fazer uma calça jeans durar uma semana inteira. Era a rainha dos acessórios: um cinto de seda podia ser usado como lenço de cabeça, um maxi colar garantia que uma camisa branca pudesse ser usada de dia e de noite.

Depois que Eric guarda minha bagagem, ficamos frente a frente. É um dia incomumente frio para Los Angeles em junho. Estou de calça jeans, camiseta e moletom de capuz. Tenho um cachecol de caxemira volumoso na bolsa, porque minha mãe me ensinou a sempre viajar com um à mão. “Assim você pode se encostar em qualquer janela”, ela dizia.

“Boa viagem, então”, Eric me diz. Ele nunca soube fingir. Sou melhor nisso. O peso da nossa conversa paira entre nós, opondo

diretamente o imediatismo do que temos diante de nós — uma separação, um divórcio? — ao óbvio: de que talvez já sejamos estranhos um para o outro. Que estamos de lados opostos agora. É claro que as pessoas se divorciam durante a guerra, penso. Quando tudo foi destruído, como seguir lavando a roupa?

Vejo a dor no rosto de Eric e sei que ele quer que eu o tranquilize. Quer que eu diga que o amo, que vamos dar um jeito. Que sou sua. Ele quer que eu diga: *sua esposa vai voltar logo*. Sua vida vai voltar logo ao normal.

Mas não posso fazer isso. Porque não sei aonde a esposa e a vida foram.

“Obrigada.”

Eric faz menção de me abraçar, mas eu me encolho por reflexo. Muitas pessoas me abraçaram nas últimas semanas. Todas as visitas devem ter me envolvido em seus braços. Enterrado o rosto no meu pescoço. Mas não consigo lembrar. Parece que faz meses que não me tocam.

“Meu Deus, Katy, está brincando comigo?” Eric leva as mãos ao rosto. Esfrega as têmporas. “Eu também amava ela pra caralho, sabia?”

Ele leva as mãos à cabeça. Já chorou esta semana. No velório e no primeiro dia do shivá. Quando a mãe e a irmã dele chegaram para dar as condolências à nossa família, e quando foram embora. Eric chorou quando abraçou meu pai, e os melhores amigos dos meus pais, Hank e Sarah. Não sei como me sentir em relação ao sofrimento dele. Sei que é real, que tem a ver com a ligação dele com minha mãe, mas me parece indulgente. É como se Eric

estivesse botando para fora alguma coisa que deveria permanecer trancada. E eu gostaria que ele parasse com isso.

Seu lábio inferior estremece, sinal de que tenta se controlar, mas é impossível. É mais forte que ele, a emoção, e extravasa.

Levo uma mão a seu ombro, mas não sinto o que deveria sentir. Não sinto necessidade de protegê-lo, não sinto pena dele. Não sinto compaixão, minha própria dor não é despertada. Tenho medo demais. Se me permitir ver a dor dele, o que isso dirá da minha? Não chorei desde que ela morreu. Não posso fazer isso agora, não quando tenho um avião para pegar.

“Preciso ir”, digo. “Desculpa, Eric.”

Ele diz que só o chamo de Eric quando estou brava. Que nunca é: “Vem ficar abraçadinho comigo, Eric”. Só: “É dia de tirar o lixo, Eric”. Ou: “A lava-louça está cheia, Eric”. Mas não sei se é verdade. Eu o chamava de um milhão de maneiras diferentes. “Amor”, “lindinho”, “baby”. Mas “Eric” sempre foi minha preferida. Eu adorava chamar seu nome. Adorava como era específico. Perfeito. Eric.

Não sou romântica e não me considero uma pessoa sentimental. Sou filha de Carol, uma mulher que compreendia a importância de um temperamento e de uma paleta de cores neutros. Mas Eric é ambas as coisas. Guarda pilhas de recibos, ingressos de cinema e shows. Ficam em caixas de sapato na garagem. Ele é o tipo de homem que chora assistindo a *Encontrando Forrester* ou lendo a coluna Modern Love do *New York Times*.

Recolho minha mão. Eric passa a própria palma pelo rosto. Solta o ar. Faz uma respiração profunda, inspirando e expirando.

“Preciso ir”, digo uma última vez.

Ele assente. Não diz nada.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Verão Italiano"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).